

# Um protesto político

por José Casado  
de São Paulo

"Empresário unido, jamais será vencido!" Essa adaptação de um antigo "clichê" dos radicais comunistas, muito usado no começo deste século, encantou boa parte da platéia de 2 mil homens de negócios que participaram, ontem, em São Paulo, de um protesto político: contra a política econômica do governo José Sarney e a tendência "estatizante" do congresso constituinte, "em defesa da livre iniciativa" — justificavam as faixas, nos cantos do auditório.

Dois horas depois de ouvir sete veementes discursos de seus líderes, os empresários deram-se as mãos, erguidas, e cantaram o Hino Nacional. Entre eles, um destacava-se pelo cartaz que exibia, escrito a mão, em cartolina: "Vamos nos unir e parar este País!" — convidava. Outro aproveitou o momen-

to e, do fundo do salão, aos gritos, incitou: "Que cada um retire o pouquinho de dinheiro que ainda tem depositado no Banco do Estado e no Banco do Brasil".

Paulo Butori, 42 anos, artífice e organizador do protesto, estava exultante, nos bastidores do Palácio das Convenções Anhembi: "Agora vamos fazer um por estado e encerrar em Brasília, com um encontro nacional, se possível com a participação dos trabalhadores".

Butori é um dos novos líderes empresariais que estão crescendo, junto às bases dos seus sindicatos, à margem da cúpula das grandes entidades de classe, como a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). É um pequeno empresário típico: fundou sua metalúrgica de precisão aos 19 anos, numa era de plena incerteza — acabava de ser concretizado o golpe militar contra o governo civil do presidente João Goulart.



Paulo Butori

Ele avançou, nesse tempo. Agora, comanda uma empresa em expansão, com quinhentos empregados na folha de pagamentos, e é presidente da Associação Brasileira da Indústria de Fundição (Abifa), uma entidade que representa os interesses de 4 mil metalúrgicas, de vários estados. Nos primeiros cinco meses deste ano, esse setor demitiu 5 mil operários.

"Desculpem o desabafo, mas precisamos nos livrar dessa angústia quanto ao futuro", disse para uma platéia que, visivelmente, desejava ouvir isso. A situação, completou, "é alienada, em vez de servir ao cidadão, à sua liberdade de ação, prova-se que o Estado só pode escravizá-lo".

Por um momento, ele mostrou-se temeroso do rumo dos acontecimentos no Anhembi, e com habilidade esquivou-se de muitos que pediam para falar ao microfone e conseguiu manter a reunião sob controle.

Esse era o receio de outros líderes empresariais, que ontem não foram à manifestação, embora tenham sido convidados. Mário

Amato, 63 anos, presidente da FIESP, por exemplo. Duas semanas atrás, quando percebeu que Butori articulava o protesto, aliado a Luis Delben Leite, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas, Bruno Nardini, vice-presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Máquinas, e Oded Grajew, da Associação Brasileira da Indústria de Brinquedos, Amato viu-se diante de um fato consumado.

Embora discordasse da forma pouco convencional de organização dessa manifestação, optou por dar-lhe discreto apoio, pondo à disposição a estrutura do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP), que possui um bom "caixa" e uma lista de 40 mil sócios, convocados por carta.

"Vá até lá e me ajude a manter aquilo sob controle", recomendava Amato a um dos

(Continua na página 6)